

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

CURSO DE NUTRIÇÃO

EVONI CORREIA DOS SANTOS

**ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS DA MANDIOCULTURA
NA PERSPECTIVA DE PRODUTORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE SANTO
ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA.**

Santo Antônio de Jesus

2018

EVONI CORREIA DOS SANTOS

**ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS DA MANDIOCULTURA
NA PERSPECTIVA DE PRODUTORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE SANTO
ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de artigo, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Nutrição, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientador: Givanildo Bezerra de Oliveira

Coorientadora: Jasilaine Andrade Passos

Santo Antônio de Jesus

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

EVONI CORREIA DOS SANTOS

Aspectos Socioeconômicos e Culturais da Mandiocultura na perspectiva de produtores rurais do município de Santo Antônio de Jesus – Bahia.

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de artigo, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Nutrição, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em: _____ de _____ de 2018.

Banca examinadora

MSc. Jasilaine Andrade Passos

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Especialista em Saúde Pública pela Faculdade Adventista da Bahia

Mestra em Alimentos, Nutrição e Saúde pela Universidade Federal da Bahia

Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca -
ENSP/FIOCRUZ

Profa. Dra. Micheli Dantas Soares

Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal da Bahia

Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana

Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da
Bahia

MSc. Joselito da Silva Mota

Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa

Pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa em Mandioca e Fruticultura Tropical,

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter concedido saúde, força e sabedoria para chegar até aqui;

Aos meus irmãos, que passou todos esses anos ao meu lado, compartilhando de minhas angústias, medos, incertezas, e se fazendo base e escudo para que eu alcançasse meu objetivo. Em especial, a minha mãe, a mais forte e sábia mulher que já conheci, que por inúmeras vezes me colocou no colo através de palavras, com demonstração de amor e afeto. *In memoriam* ao meu amado pai, que foi uma das pessoas que me inspiraram a iniciar essa caminhada, que vibrou quando descobriu que enfim tinha conseguido, mas que infelizmente não pode esperar para me ver chegar. Porém, sei que onde quer que esteja, festejará por nossa conquista.

Ao meu noivo, que participou de todos os momentos nesses anos, que torceu por mim, que sempre se esforçou para enfrentar comigo os desafios que surgiram, e que quando não sabia o que fazer, simplesmente me contava uma piada, porque assim eu conseguia recarregar as energias e continuar.

Aos meus sobrinhos, cunhadas, cunhados, sogro, que torceram por mim. Aos meus amigos, que contribuíram de alguma forma para a concretização desse sonho. Em especial a Jamille e Elisângela, que foram meus anjos de guarda, que me ajudaram a crescer como ser humano, como futura profissional. Acredito que elas foram uma das formas que Deus encontrou de me sustentar e proteger aqui dentro. Também a Elliane, uma parceira, que se tornou uma pessoa mais que especial. A ela todo meu carinho.

Aos docentes dessa universidade que se empenharam em ajudar na formação de profissionais e de pessoas mais humanas. A toda equipe que faz a universidade caminhar.

Aos meus orientadores, Jasilaine Passos e Givanildo Oliveira pela dedicação, confiança e incentivo. Por terem acreditado nesse trabalho que representa tanto para mim.

Aos membros dessa banca, Joselito Mota e Micheli Dantas e mais uma vez, a Jasilaine Passos, que se dispuseram a estarem contribuindo com minha formação.

“Fique firme! a graça que Deus concede nunca é pela metade. Se você chegou aonde chegou, é porque ele tem muito mais para tua vida”.

RESUMO

A mandiocultura é um termo utilizado para nos remetermos à cadeia produtiva da mandioca, a qual é cientificamente denominada como *Manihot esculenta* Crantz. O Brasil apresenta-se como o quarto maior produtor do mundo. A produção e usos da mandioca no Brasil possui uma rica bagagem histórica que vem sendo construída desde os primórdios da colonização, no entanto, observa-se um declínio dessa cultura no decorrer dos anos. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo analisar aspectos socioeconômicos e culturais da mandiocultura na perspectiva de produtores de comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Trata-se de um estudo exploratório-analítico de natureza qualitativa, desenvolvido com produtoras e produtores de mandioca de três comunidades rurais do município de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Foram entrevistados 23 participantes com idades entre 39 a 79 anos, num total de 20 entrevistas, os quais foram selecionados através da técnica *Snow ball*. Para análise dos dados utilizou-se o método Análise de Conteúdo e a criação de categorias de análise, sendo elas: “aspectos socioeconômicos da mandiocultura” – com cinco subcategorias (Produção, distribuição e comercialização; Sobre apoio governamental; A desvalorização do produtor de mandioca; Mudanças e perspectivas em torno da mandiocultura e A produção de mandioca como estratégia de sobrevivência) e “aspectos culturais do cultivo da mandioca” com duas (2) subcategorias (Saberes e práticas em torno da mandiocultura e Dimensões geracionais do saber-fazer). Os agricultores enfatizaram o declínio da mandiocultura, atribuindo a fatores voltados para questões estruturais e socioeconômicas, assim como trouxeram a relação de representatividade da mandioca para as comunidades. Assim, ao observar a perda de uma cultura com tamanha importância, conclui-se que não se trata apenas da desconstituição de práticas de determinado grupo, mas de histórias de vida, representatividade e significados de comunidades assim como parte da história do país.

PALAVRAS-CHAVE : Mandiocultura. Produtores rurais. Agricultura familiar.

ABSTRACT

Mandioculture is a term used to refer to the production chain of manioc, which is scientifically called *Manihot esculenta* Crantz. Brazil is the fourth largest producer in the world. The production and uses of cassava in Brazil has a rich historical baggage that has been built since the beginning of colonization, however, a decline of this culture is observed over the years. herefore, the present work had as objective to analyze socioeconomic and cultural aspects of mandioculture from the perspective of producers of rural communities of Santo Antônio de Jesus, Bahia. his is an exploratory-analytical study of a qualitative nature, developed with cassava producers and producers from three rural communities in the municipality of Santo Antônio de Jesus, Bahia. We interviewed 23 participants aged 39 to 79 years, in a total of 20 interviews, which were selected using the Snow ball technique. In order to analyze the data, we used the Content Analysis method and the creation of analysis categories, such as: Socioeconomic Aspects of Mandioculture (Government Support, Production, Distribution and Marketing); Cultural Aspects of Manioc Cultivation (Changes and perspectives in manioc cultivation, Generational issues, Knowledge and practices around manioc, Valuation of the producer) and Production of Cassava as a Survival Strategy. Farmers emphasized the decline of mandioculture, attributing factors to structural and socioeconomic issues, as well as bringing the representativeness of cassava to the communities. Thus, in observing the loss of a culture of such importance, one concludes that it is not only a question of the deconstruction of practices of a particular group, but of life histories, representativeness and meanings of communities as well as part of the history of the country.

KEY –WORDS: Mandiocultura. Farmers. Family farming.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	METODOLOGIA.....	11
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	13
3.1	Aspectos socioeconômicos da mandiocultura.....	13
3.1.1	Produção, distribuição e comercialização.....	13
3.1.2	A desvalorização do produtor de mandioca.....	15
3.1.3	Sobre apoio governamental	18
3.1.4	Mudanças e perspectivas no cultivo da mandioca	18
3.1.5	A produção da mandioca como estratégia de sobrevivência.....	24
3.2.	Aspectos culturais da mandiocultura	25
3.2.1	Saberes e práticas em torno da cultura da mandioca	27
3.2.2	Dimensões geracionais do saber-fazer	28
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5	REFERÊNCIAS.....	31
6	APÊNDICE.....	34

1- INTRODUÇÃO

A mandiocultura é um termo utilizado para nos remetermos à cadeia produtiva da mandioca. A mandioca, espécie cientificamente denominada como *Manihot esculenta* Crantz, é uma planta da família das Euforbiáceas também conhecida popularmente como aipim, macaxeira, candinga, maniva, maniveira, moogo, mucamba, entre outras nomenclaturas que variam de acordo com cada região (SHINOHARA; VELOSO; BORCKMANS et al 2014).

No Brasil há uma rica bagagem histórica relacionada à produção e usos da mandioca, pois ela vem sendo cultivada pelos indígenas desde antes do processo de colonização. Os povos indígenas foram os precursores na utilização dessa matéria-prima para o preparo de alimentos e bebidas no cenário nacional. Durante o século XIX, o cultivo da mandioca, inclusive, foi utilizado como critério para decisões políticas da época, onde só quem obtivesse determinada capacidade de produção poderia participar ativamente - o que ficou conhecida como “Constituição da Mandioca”. Isso denota a influência que essa cultura teve na construção política e econômica do país (REINHARDT, 2013).

O cultivo da mandioca está presente em mais de 80 países das Américas, África e Ásia, nas zonas tropicais e subtropicais, sendo a Nigéria, a Tailândia, a Indonésia, a República do Congo e Gana, os maiores produtores a nível mundial. O Brasil é o quarto maior produtor de mandioca do mundo, a nível regional, o Nordeste se destaca como o maior produtor, sendo que a Bahia, junto com a produção do Pará e Paraná representaram quase metade da produção nacional de mandioca (SILVA, et. al, 2010; CONAB, 2017).

Os modos de produção também variam. Há no Brasil uma grande diversidade de sistemas agrícolas, que vão desde o cultivo nos quintais, agricultura tradicional praticada por pequenos agricultores, bem como cultivo em grande escala que pode ser observado no sul do Brasil (VIEIRA et al., 2011). No entanto, tem-se registrado no decorrer dos anos o declínio da mandiocultura no país. De acordo com a CONAB, no ano de 2017, vários estados brasileiros como o Alagoas, Amapá, Amazonas e Paraná, ficaram abaixo da expectativa de produção, devido à considerável redução da área plantada, cuja mandioca foi substituída pelo cultivo de outras lavouras, bem como a

escassez da mão de obra. Porém, essa realidade teve maior relação com a produção de subsistência praticada por pequenos produtores.

Estudos realizados por Silva et. al. (2012) e Coutinho (2013) já mostravam o declínio da mandiocultura no âmbito da agricultura familiar. Os autores associaram tal derrocada ao processo de oscilação de preços - que traz insegurança para os produtores - e conseqüente substituição da mandiocultura por outros meios de geração de renda como cultivo de outras lavouras e/ou adesão à pecuária.

Por seu turno, Salvador (2010) aborda a relação dos grandes produtores com a produção de subsistência da mandiocultura e da agricultura familiar. O estudo aponta que as grandes empresas, como as indústrias e fecularias, são entendidas como referências na produção de mandioca e adquirem o controle e condução do mercado. O desenvolvimento e autonomia dos pequenos produtores são suprimidos, principalmente no que tange aspectos culturais, os saberes e práticas adquiridos, que perdem espaço para os processos de modernização. A configuração desse cenário hostil leva o agricultor familiar a buscar outros meios de sustento e cultivos agrícolas, tornando eminente o abandono da mandiocultura.

Cabe salientar que a mandiocultura configura uma estratégia de produção que fomenta sistemas alimentares mais sustentáveis como os voltados para a agricultura familiar, e pode ser produzida eficientemente em pequena escala (FAO, 2013). Nesse contexto, ressalta-se a importância da agricultura familiar enquanto setor que é responsável por garantir boa parte da segurança alimentar do país e importante fornecedora de alimentos para o mercado interno, sendo responsável por 87,0% da produção nacional de mandioca (SANTOS, 2015; IBGE, 2006).

Niederle et. al. (2014) reforçam essa ideia, afirmando que, mais do que produzir alimentos em quantidade, a agricultura familiar também passou a ser reconhecida pela sua contribuição à soberania e segurança alimentar e nutricional, tornando-se uma opção estratégica para tentar reverter a atual condição da saúde pública, a qual se expressa nas patologias decorrentes das transformações nos padrões de consumo alimentar, caracterizadas, dentre outros fatores, pelo aumento do consumo de alimentos industrializados. Esse reconhecimento tem levado a novas políticas voltadas para a agricultura familiar, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e pelo

Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), dentre outros, os quais visam a inserção, reconhecimento e valorização do pequeno produtor enquanto parte importante da construção das interfaces sociais, culturais e econômicas da sociedade. De modo geral, mandiocultura contribui para alimentação de grande parte da população em todo planeta, assumindo um papel importante na manutenção e sustento de famílias de menor poder aquisitivo que veem nessa cultura uma alternativa de renda e desenvolvimento (; SOUZA, et. al, 2012).

A cadeia produtiva da mandioca pode ser tida como uma importante atividade econômica e seus processos de transformação perpassam por várias questões sociais, culturais e políticas, que demandam investimento investigativo. Dentre olhares a serem lançados sobre este fenômeno, é importante privilegiar a perspectiva do pequeno produtor, enquanto protagonista de histórias que envolvem a cultura da mandioca. Observa-se que o direcionamento dos estudos para a realidade, vivência e concepções dos produtores ainda são abordadas de forma bastante superficial. Estudos como os de Zacarias (2011), Silva et. al. (2012), Lebot et. al. (2014); Mariano et. al. (2009) e Pinho (2007), abordam esse tema. Contudo, trazem uma perspectiva voltada para técnicas, impactos ao meio ambiente, entre outras informações de cunho estatísticos e acabam suprimindo a atuação do pequeno produtor como centro do processo. Isso denota a necessidade de dar maior ênfase à conexão existente entre o produto e suas representações e os agentes que o concretizam.

Assim, o presente estudo parte da perspectiva de que a representatividade que a cultura da mandioca tem para cada família produtora, seus conceitos e percepções precisam ser mais valorizados e ganhar destaque nos diversos espaços da sociedade, tornando-se alvo de reflexão, inclusive, no meio acadêmico e científico. Ressalta-se a necessidade de estudos que coloquem o produtor rural como participante na produção de conhecimentos sobre a cultura da mandioca em função do seu protagonismo na construção histórica dos saberes e práticas envolvidas nessa atividade agrária, que movimenta parte da economia do país e que necessita de maior visibilidade, tanto pelos próprios produtores como pelos diversos extratos da sociedade.

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar aspectos socioeconômicos e culturais da mandiocultura na perspectiva de produtores de comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus, Bahia.

2- METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório-analítico de natureza qualitativa, desenvolvido com produtoras e produtores de mandioca de três comunidades rurais do município de Santo Antônio de Jesus, Bahia, localizado a 208 km da Capital (Salvador), com uma população de 90.985 habitantes (IBGE,2017). A escolha dessas comunidades rurais se deu por critério de conveniência. Além disso, de acordo com informações empíricas observa-se que nas referidas comunidades vem ocorrendo certa redução na produção de mandioca e seus derivados. Tal fenômeno desperta a necessidade de investigações científicas com vistas a compreender possíveis implicações dessas transformações no que tange a aspectos socioculturais e econômicos da mandicultura.

Participaram do estudo produtores e produtoras de mandioca e seus derivados, que tinham tais atividades como fonte ou complemento de renda. Como forma de produzir informações sobre mudanças e permanências na cultura da mandioca, foram entrevistados 23 participantes com idades entre 39 a 79 anos, num total de 20 entrevistas. A seleção dos entrevistados foi embasada na técnica *Snow ball* (Bola de Neve). Essa técnica é utilizada para pesquisas com populações de difícil contato ou quando não há precisão sobre sua quantidade (VINUTO 2014). A *Snow ball* se dá por meio de indicação de um entrevistado para outro em um processo de recrutamento em cascata, alcançando-se a meta de amostras, finaliza-se a pesquisa. Assim, a escolha dessa técnica adequou-se à natureza da presente pesquisa, o que possibilitou maior obtenção de dados correspondentes aos objetivos do estudo. Para execução dessa técnica foi localizada em uma das comunidades uma “informante chave”, a qual tinha uma rede pessoal bastante abrangente, devido sua experiência como proprietária de uma casa de farinha. Foi apresentada toda proposta do estudo, e a mesma indicou produtores nas três comunidades que possivelmente participariam da pesquisa. Após essas indicações, deu-se sequencia as entrevistas de acordo com a proposta da técnica *Snow ball*.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de abril e maio de 2017, com aproximadamente 6 entrevistas diárias, com duração média de 26 minutos. As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro específico com questões a respeito da relevância que a cultura da mandioca tem para os produtores, bem como suas formas de cultivo, consumo e comercialização de modo a atender aos objetivos do estudo (APÊNDICE I). Para as gravações foi utilizado aparelho celular (Samsung J7 Prime)

para posteriormente realizar as transcrições dos áudios. As entrevistas eram iniciadas com apresentação do projeto e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, seguida da assinatura do mesmo e a coleta dos dados de identificação. As perguntas foram feitas de forma dialogada, o que possibilitou reflexões acerca de experiências vividas e compartilhadas no contexto da mandiocultura.

As entrevistas foram transcritas e devidamente identificadas através das iniciais dos entrevistados. Para a interpretação dos dados foi utilizado à análise de conteúdo descrita por Minayo, (2010) e Campos (2004), a qual permite qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e fenômenos envolvidos.

Desse modo, a análise dos dados foi realizada mediante seguimento de três etapas. A primeira correspondeu a pré-exploração do material e realização de leituras flutuantes do corpus das entrevistas, de modo a identificar as principais unidades de significantes. Essa sistematização refere-se à segunda etapa da análise dos dados na qual buscou-se construir unidades de análise com vistas a atender aos objetivos do estudo. Dessa forma, duas (2) categorias de análise foram criadas, sendo elas: Aspectos Socioeconômicos da Mandiocultura – com cinco (5) subcategorias (Produção, distribuição e comercialização; Sobre apoio governamental; A desvalorização do produtor de mandioca; Mudanças e perspectivas em torno da mandiocultura e A produção de mandioca como estratégia de sobrevivência) e a segunda categoria: Aspectos Culturais do Cultivo da Mandioca com duas (2) subcategorias (Saberes e práticas em torno da mandiocultura e Dimensões geracionais do saber-fazer). Por fim, a partir da categorização dos dados buscou-se a interpretação dos sentidos envolvidos e da importância atribuída à cultura da mandioca na perspectiva dos entrevistados.

No que tange os aspectos éticos, este trabalho foi submetido e aprovado pelo comitê de ética da UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, sob parecer nº 1.994.690. Os participantes da pesquisa foram previamente esclarecidos sobre os objetivos da investigação, forma de produção de dados e preservação da identidade de todos os entrevistados. Após das informações supracitadas os sujeitos decidiram pela assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e participação na pesquisa.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1- Aspectos socioeconômicos da mandiocultura

A produção de mandioca na localidade estudada já se configurou importante meio de socialização entre grupos, relação interpessoal, troca, geração de renda, de saberes e vivências. Ela consegue abranger várias interfaces, desde o cunho político ao cultural, passando pela construção social das comunidades e da moldagem da forma de vida de cada família. Nesse contexto, a abordagem de cada aspecto se deu de forma espontânea a partir dos relatos de cada experiência vivida.

3.1.1. Produção, distribuição e comercialização.

Existe todo um contexto na produção, comercialização e distribuição da mandioca, que precisa ser pensado à luz do que é vivenciado por cada produtor, o que viabiliza o conhecimento das principais dificuldades, enfrentamentos e estratégias utilizadas em cada processo. Desse modo, toda e qualquer ação que venha a ser desenvolvida acerca dos produtores de mandioca estarão embasadas nos conceitos e realidades de cada comunidade, e isso traz maior visibilidade, contribuindo para a valorização do “saber-fazer” de cada família inseridas nessa cultura.

De acordo com os entrevistados, todo processo envolvido na produção da mandioca e seus derivados requer investimentos, que muitas vezes não estão ao alcance de todos. Assim, os meios para suprir essa lacuna vêm de estratégias relacionadas com a vivência e experiência de cada um. Nesse contexto, a caracterização da mandiocultura como uma atividade difícil e trabalhosa foi bastante referida nas falas, traduzindo as limitações que podem somar para o distanciamento dos produtores a essa cultura. Sobre isso, uma entrevistada relata:

[...] quando nós estamos assim, com posse de mandar arar, manda arar. Aí agora planta e já ameniza bastante pra gente. Em um dia só a gente planta muito mais do que se for limpar e cavar tudo à braço. Porque cavar a terra dura à braço é sofrido! Essas mãozinhas aqui já sofreram muito. Então, a gente arando a terra é tudo bem melhor pra gente (M.L.C.S. Produtora Rural, 58 anos).

Quando indagados sobre a substituição dos cultivares de mandioca por outras lavouras, a maioria dos entrevistados ressaltaram as dificuldades vividas por eles para conseguir responder a demandas relacionadas a cada etapa da produção.

[...] a mandioca é mais trabalhosa porque você tem que limpar a terra, cavar, plantar a maniva. Às vezes, depois de plantada, não nasce tudo, você tem que replantar, depois disso, quando ela tiver crescida vai limpar novamente até 3 vezes para ela amadurecer. Depois de madura você vai pra roça arrancar, levar pra casa de farinha, raspar, mexer depois botar no saco pra levar pra cidade pra vender [...] (A.J.C, Produtora rural, 59 anos)

Além disso, os problemas com a comercialização foi outro fator muito discutido e relacionado ao abandono da mandiocultura. Nas falas, os entrevistados relataram os entraves vividos por causa da desestruturação do setor, as mudanças constantes de preço e a relação com a ação dos atravessadores, fazendo alusão ao processo de perda cultural da mandioca.

[...] A farinha, se você plantar muita e o preço cair. Não compensa fazer porque tem a mão de obra e a renda da casa de farinha. Porque quem vai fazer tem despesa, então se você não arrecadar um dinheiro que dê pra cobrir é melhor deixar quieto. Como é que vou plantar roça, arrancar uma quantidade de mandioca, botar na casa, contratar pessoas para ajudar, e quando terminar de apurar (contabilizar) o dinheiro, perceber que não dá pra pagar as despesas? Eu vou ficar devendo? Vou perder a mercadoria e ainda ficar devendo a quem trabalhou? [...] (F.S.M. Produtor rural, 62 anos)

Em relação aos impactos da ação dos atravessadores as falas trazem que normalmente a maior margem de lucro fica com esse grupo, enquanto o produtor fica com o menor percentual. Esse fato pode ter relação direta com a oscilação de preços e a desorganização estrutural dessa cultura.

[...] e outra coisa importante é quando eles (os atravessadores) compram o beiju na zona rural. Eles compram por aquele preço e já querem dar outro, e quando outra pessoa vai comprar estão achando que está barato, mas não sabem que foi comprado por um preço mais barato ainda, e que eles não deram duro como aquela pessoa que vendeu pra eles. Ai ele fica dizendo: “ah não, compra menina, tá barato, leva, é pra comer”. Mentira! ele vai ganhar o dobro em cima do que ele comprou. Muitas vezes fica chorando, chorando,

compra a preço de batata a preço de nada, e quando chega lá vende a mais do dobro [...]. (M.R.O.S. Produtora rural, 49 anos)

Como uma alternativa para os problemas da mandiocultura descritos pelos produtores foi citada a ação cooperativista, que contribuiria para melhoria do escoamento da produção dos pequenos produtores familiares do município. Esse fato remete para a necessidade de mudança da atual situação vivida por eles no que diz respeito à reorganização da mandiocultura.

[...] devia ter uma cooperativa que dissesse: “Não, vocês pode plantar que infunada (acumulada) não fica, a gente recolhe e manda pra fora se o comércio não desse o consumo ali”. É que às vezes sobra, né? Então nessa parte a gente arrisca a sorte, tudo que a gente planta é na sorte, se Deus der um bom tempo e tudo ocorrer bem e der certo, a gente lucra qualquer tanto, e se der negativo a gente acaba perdendo. Quem tem terra em fartura ainda arrisca plantar, né? Tem uns que puxa pra fora (vende em outras cidades). Eu que nunca, meu terreno é pequeno, é 6 tarefas de terra, aí eu vendo por aqui mesmo ou no centro da cidade. Agora pra ir pra Salvador; pra Feira; pro Sertão. Eu é que nunca fui não. (F.S.M. Produtora rural, 62 anos)

Diante de toda realidade colocada observou-se que em sua maioria os entrevistados não encontram vantagem em trabalhar com a mandioca, voltando-se para o desenvolvimento de outras atividades ou cultivo de outras lavouras que possibilitem maior retorno financeiro e que não necessitem de tanto investimento. Ser mais vantajoso significa ser mais rentável. Assim, pode-se inferir que a busca pela lucratividade característica do pensamento capitalista acaba sendo priorizada em relação a aspectos culturais que também imprimem valor à mandiocultura, mas acabam sendo sobrepostos até pela necessidade de sobrevivência dos produtores.

[...] Ah! As outras plantações são mais vantajosas, porque mandioca é assim, arrancou, jogou o pé pra traz, tem que plantar de novo, e laranja, cacau, não. O pé dura, né? Todo o tempo. E a mandioca é mais trabalhosa também [...]. (A.F.B. Produtor rural 65 anos)

Nessa perspectiva, foi observado que nas comunidades havia extensas plantações de cítricos, os quais representam atualmente a fonte de renda da maioria das famílias, como sugerido nas falas a seguir quando os entrevistados são questionados sobre a contribuição da mandioca na renda da família.

Hoje, nada! Da farinha não. Retiro minha renda com outras coisas. Mas foi, já sim, já foi a principal fonte de renda, eu já cheguei a fazer 80 sacos de farinha, fazia muito. Trabalhava de noite a dia, eram dois torradores, raspador, era muita gente, tudo na casa de farinha pra trabalhar. (C.B.M, Produtor rural, 71 anos)

Desse modo, a produção de mandioca que ainda é presente nas comunidades, representa para a maioria dos produtores um complemento, sendo mais utilizada para o consumo. No entanto, este também se apresenta em declínio. Porém, notou-se que a maioria dos entrevistados tem consciência da importância da mandiocultura para as famílias e para a economia do país. Entretanto, afirmam que buscam outros meios para garantir o sustento de suas famílias.

3.1.2. A desvalorização do produtor de mandioca

A preservação da mandiocultura enquanto patrimônio cultural precisa ser valorizada, em virtude da necessidade de reafirmação das identidades diante da atual homogeneização das práticas e saberes, contribuindo para sua continuidade, transmissão e reprodução.

Nesse contexto, a fala de uma das entrevistadas chamou muito atenção, quando a mesma relatou uma situação de preconceito e desvalorização que viveu por se apresentar como “raspadeira de mandioca” em determinado estabelecimento. Ela relatou o seguinte:

Teve um dia mesmo que fui comprar uma faca, aí ele (vendedor) disse: “Quer uma faca pra raspar mandioca é? É pra raspar mandioca?” (Em tom de ironia). Aí eu disse: “é honra, raspar mandioca é honra! Se não fosse a farinha, se não fosse a mandioca, vocês ia comer o quê?” Tem gente que critica, muita gente critica. É porque não conhece, né? Não conhece e não passa o que a maioria das pessoas da zona rural passa, né? Não vê. É isso! (L.S.F. Produtora rural, 43 anos)

Pode-se considerar que essa fala remete para a presença do olhar estigmatizado que se mantém em torno de uma cultura, mas revela principalmente o pouco reconhecimento da população sobre um cultivo que de forma geral, faz parte do dia a dia, está presente na mesa em forma de produtos ou subprodutos, e que contribui para o

crescimento do próprio município e do país. A difusão e incentivo aos produtores se fazem importante tanto nesse contexto quanto no contexto da autovalorização.

Quando questionados sobre a percepção de sua valorização enquanto produtores de mandioca, os entrevistados se colocaram de forma a denunciar essa realidade de inferiorização que vivenciam. A maioria se referiu ao desamparo das autoridades, as poucas condições oferecidas a eles enquanto produtores e a desvalorização do preço, enfatizando não só a produção de mandioca, mas expressando sua desvalorização enquanto produtores rurais, como pode ser observado nas falas a seguir:

Pelo governo? Pelo o que a gente vê na sociedade ai? Até tinha a Expomandioca, né? Que tão querendo até acabar. Era tão bonita, tão boa, muita coisa que vinha. Então, devia ter mais coisa sobre ela (mandioca) e o governo ajudar mais o agricultor, fazendo um empréstimo, um dinheiro, facilitando a maneira de pagar. Até as prefeituras mesmo. Fazendo doações de tratores pra quem não tem condições de arar uma terrinha, ajudar mais, né? Porque ai teria mais renda, mais emprego. (R. S. T Produtora rural, 53 anos)

Infelizmente, eu acho que não, hoje é mais valorizado quem compra e vende, principalmente até pelo retorno econômico, e nós que estamos aqui não temos esse valor reconhecido não, infelizmente. Eu, no meu ponto de vista, eu digo que não. Porque assim... Se não existir a zona rural, não existe a cidade, mas a gente não tem o mesmo valor que tem um empresário, infelizmente. (Z.M. S Produtora rural, 46 anos)

Não! Que valor os lavradores tá tendo minha filha? Nenhum. Nada! É muito trabalho pra pouco reconhecimento. O reconhecimento é zero! (N.P.N. Produtora rural, 54 anos)

A insatisfação e o saudosismo expressados diante da necessidade de abandono da cultura da mandioca pela comunidade foram muito presentes nas falas dos entrevistados. Notou-se que a maioria tem consciência de sua importância para as famílias e para a economia do país, no entanto, afirmam que buscam outros meios de rentabilidade para garantir a manutenção de suas famílias, transparecendo a descrença que foi adquirida com o decorrer dos anos em relação a essa cultura.

3.1.3. Sobre apoio governamental

Na perspectiva dos produtores rurais o apoio governamental a ações voltadas para a mandiocultura ainda é insuficiente. A maioria dos entrevistados relata que nunca foi beneficiada por qualquer programa de incentivo que fosse voltado para a produção de mandioca. Quando ofertado algum apoio ao trabalhador rural, esse era direcionado para a pecuária e cultivo de outras lavouras. Poucos entrevistados relataram ter recebido algum incentivo, enfatizaram que se tratou de algo eventual e seletivo -“não para todos”. Apenas uma pequena parte que teve acesso ou informações sobre a existência dos mesmos buscou incentivos, deixando claro que houve certa dificuldade em alcançá-los, como pode ser observado na fala a seguir.

[...] teve um tempo aí que um candidato a deputado aí, deu máquina (equipamento usado na mandiocultura) de graça. Eu me lembro que foi a primeira roça que meus meninos fizeram sozinho. Uma pessoa conseguiu essa máquina pra todo mundo aí. De graça. Aí veio, arrou as terras. Mas foi uma bênção! Foi tão bom! Deram adubo e calcário por causa de uma associação que aqui tinha. Mas isso acabou. Isso não existe mais. Se quisermos temos que pagar (M.LC.S. Produtora rural, 58 anos).

Além disso, em alguns casos a mandioca não era considerada como principal opção para investimento pelos produtores devido ao baixo retorno da produção, o que poderia comprometer ainda mais a vida financeira deles.

No Brasil já foram criadas diversas políticas sociais para incentivo ao produtor rural com o intuito de promover crescimento e desenvolvimento, reduzir o abandono do campo e movimentar as economias locais e do país. Dentre estas políticas podem-se destacar o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Agroamigo, que possuíam/possuem objetivos diretamente relacionados com o apoio ao produtor rural (BRASIL, 2013). No entanto, os alcances desses programas foram/são superficiais e pouco efetivos para muitos produtores rurais, havendo a necessidade de aprimoramento dos mesmos para que realmente se tenha impacto positivo na vida desses produtores (PEREIRA e NASCIMENTO, 2014).

Duarte (2008) afirmou que no Nordeste a maioria dos municípios apresentaram carência de atuação do programa Agroamigo, e sugeriu a necessidade de direcionar esforços para uma melhor distribuição ou ampliação deste, de forma a adequar-se,

principalmente, às condições e realidades da população em relação ao baixo nível de escolaridade, produção agrícola rudimentar e baixa diversificação das atividades produtivas.

Nesse sentido, Silveira (2009) ressalta a importância de se pensar em políticas que considerem as diferentes realidades tanto social quanto econômica relacionadas ao agricultor familiar, para a efetividade das políticas a serem implementadas e alcance de toda população. Ainda nesse contexto, Velthem I e Katz II (2012), em um estudo realizado no município de Juruá, discutem sobre as formas de intervenção governamental na mandiocultura, as quais estão direcionadas para os aspectos físicos e estruturais, sendo que essas ações não consideram fatores culturais e históricos e outros condicionantes primordiais para se obter resultados concretos. Essa afirmação corrobora a fala a seguir:

[...] Mas tem uma casa de farinha aí que o governo botou que nunca ninguém usou tá lá largada. Abriam, colocaram todos os artefatos e tá lá, do jeito que chegou colocou lá e deixou. Aquilo ali já tem uns seis anos ou mais e tá lá jogada, toda perdida. [...] (A.S.S. Produtor rural, 79 anos).

De acordo com as falas dos entrevistados é possível observar insatisfação com a falta de apoio e incentivo. É sugerido que esse fator tem importante contribuição no declínio da cultura da mandioca para a comunidade. O trecho a seguir reflete essa questão, e remete ao sentimento de abandono dos produtores rurais por parte das autoridades:

[...] Teve uma vez que estiveram (políticos) lá na casa de farinha, mas nunca ajudaram em nada não, sempre foi por conta própria. Só foi uma vez que vieram arar a terra, mas só foi uma vez só, aí nunca mais. Ninguém faz nada pela roça não. (C. B. M, Produtor rural, 71 anos)

Além disso, em outra fala, um dos entrevistados lamenta a extinção da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agropecuário- EBDA, a qual representou grande referência de fortalecimento e crescimento da mandiocultura para aquela comunidade.

[...] ela (EBDA) era muito boa porque informava a gente; dava aquelas informações de como cuidar da lavoura; como adubar; muitas vezes orientava sobre o exame da terra [...] que adubo poderia usar na terra que beneficiasse as plantas. Tudo isso eles indicavam pra gente, e hoje não. Hoje já é mais

trabalho pra gente conseguir [...] só se ir mesmo lá nas casas que trabalham com negócio de pecuária pra fazer uma consulta e pagar muito caro pelo remédio pra dedetizar (M.L.C.S. Produtora rural, 58 anos).

Pode-se ainda considerar, de acordo com as falas dos entrevistados, que em muitos casos o desconhecimento das políticas de incentivo ao produtor rural é uma barreira importante, que compromete o investimento e o estímulo aos mandiocultores em continuar sua produção visando geração de renda. Desse modo, é possível que quando esse fator associa-se às dificuldades no processo de produção características da mandiocultura e enfatizadas pelos entrevistados, o declínio dessa cultura torna-se eminente e contínuo.

3.1.4. Mudanças e perspectivas no cultivo da mandioca

Embora ainda faça parte da realidade de muitas famílias, pode-se observar que o cultivo da mandioca nas comunidades estudadas sofreu grande mudança com o decorrer dos anos e a perda gradativa de espaço e identidade cultural. Foram unânimes os relatos sobre o abandono parcial, e em alguns casos total, do cultivo e produção da mandioca e seus derivados por muitas famílias. Em sua totalidade, os entrevistados ressaltaram o processo de mudanças nesse perfil. Para eles está evidente o declínio progressivo da mandiocultura, como refletido nas narrativas que seguem:

[...] tem uns dois aí que deixou, largou completamente a mandioca, e foi plantar verduras. Até a puba mesmo ela (se referindo à esposa) compra de outra pessoa pra vender. Hoje aqui na minha região ninguém quer mais fazer mandioca não, todo mundo acabou suas casas de farinha. E tem uma casa de farinha aqui do governo, que nunca nem inaugurou, tem uns 15 anos a casa de farinha. Naquela época gastou foi 98 mil, e tá lá parada. (C. B. M , Produtor rural, 71 anos)

[...] Aí, a maioria do povo, cada dia que passa minha filha, a sabedoria, não sei o que tá acontecendo, aqueles tipos de roças de antigamente que era roça mesmo de mandioca por vida (Não faltava), hoje não tá tendo mais, aqui na nossa região mesmo não tá tendo muito. Muito não, acho que nem tem! (M. B.S.M. Produtora rural, 55 anos)

Esse declínio é justificado pelos entrevistados como sendo fruto da desorganização do setor, pequena margem de mercado, dificuldade com mão de obra e baixo retorno financeiro, conforme relatado:

Eu conheci gente que largou porque foi trabalhar fora, porque esse negócio de mandioca dava pouco dinheiro, essas coisas. (L.S.F. Produtora rural, 43 anos)

Rapaz, o plantio de mandioca aqui era maior, mas devido ao preço o povo começou a investir mais em quintal. A maioria [...] (F.S.M. Produtor rural, 62 anos)

As Diretrizes do Plano Nacional da Mandioca (2005) trazem como fatores que caracterizaram os grandes desafios para o desenvolvimento da cultura da mandioca, as condições e dificuldades vivenciadas pelos pequenos produtores, como o esforço físico; a falta de apoio e incentivo e o pequeno retorno financeiro, enfatizando a necessidade de se trabalhar esses aspectos para impulsionar os produtores. Nesse contexto, observa-se que os enfrentamentos de alguns anos atrás foram semelhantes com os descritos atualmente pelos produtores, o que pode refletir que a maior representatividade cultural daquela época certamente contribuiu para a perpetuação da mandiocultura. As falas a seguir remetem a essa ideia.

Ai era assim: ao invés de botar gente e pagar, ai não pagava, cada qual raspava, tinha mais gente. Agora acabou mais, acabou tudo. Não tem. Você arranca hoje e cadê? Não tem mais ninguém. Tudo já fora, outros não podem, outros estão doentes e por ai vai. (M. B.S.M. Produtora rural, 55 anos)

A gente ia pra casa de farinha meia noite, chegava lá, ô meu Deus! Eu tinha raiva só do “fortun” (odor desagradável) da mandioca quando abria a prensa. E ainda tinha que coar a massa na peneira. Coava, aí depois ia mexer a farinha. Ai a gente cantava música, aquele brinquedo de roda, lá pelas tantas da madrugada a gente estava cantando e mexendo a farinha. Era muito divertido! (A.J. C, Produtora rural, 59 anos)

Assim, as mudanças ocorridas no decorrer dos anos também podem estar associadas ao êxodo rural, ao avanço tecnológico e à globalização. O surgimento do agronegócio, por exemplo, tem grande peso nessas mudanças, uma vez que estrategicamente ele é considerado responsável pela produção do país, como se fosse o

único produtor, e disputa a maior quantidade de recursos públicos com os pequenos produtores (COSTA, 2015). Isso, de certa forma, exerce pressão negativa sobre os cultivos que têm como base processos e técnicas de referência rudimentar-cultural.

Ainda nessa perspectiva, foi observado que o processo de mecanização das casas de farinha também foi muito bem descrito pelos entrevistados como fator predisponente para as mudanças em torno da mandiocultura, que embora tenha trazido melhores condições de produção em maior escala, contribuiu também para a perda da identidade cultural, uma vez que os equipamentos e a forma de fazer foram substituídos. Além disso, é possível que com o declínio da mandiocultura se tenha alterado também o hábito alimentar dessas comunidades. Alguns entrevistados ressaltaram a redução do consumo dos derivados da mandioca, como o beiju, que tinha uma presença muito grande na mesa e também era meio de renda para algumas famílias. De acordo com alguns relatos, a instalação dos fornos de ferro impossibilitou a produção do beiju e conseqüentemente reduziu o consumo, porque os novos instrumentos e equipamentos iam de encontro com as formas de fazer até então praticadas. Essa ideia pode ser observada nas falas a seguir:

[...] hoje não tem mais a casa de farinha, para a gente mesmo mexer a farinha, mas no tempo que mexia a braço, a gente fazia beiju, tirava goma e fazia a massa, mas hoje não tem, a gente nem tenta fazer porque tem que marrar as paletas tudo pra não queimar, pra fazer beiju ali. (N.P.N. Produtora rural, 54 anos)

Tem uma casa de farinha até hoje ali, que é da minha tia. A gente fazia a farinha e fazia aquele beiju de goma cheio de açúcar. Vai lá pra tu vê, tá lá parada! Você vê fazendo beiju por ai? Não! Acabou tudo. É, acabou tudo! R.S.N. Produtor rural, 39 anos.)

Segundo Soglio e Kubo (2016), a modernização dos meios de produção contribui para a perda da conexão dos agricultores com a própria agricultura, com a sociedade, com o ambiente e com a cultura alimentar, afetando o meio rural e a soberania alimentar dos povos. Nesse sentido Catia et.al. (2010) defendem a importância das estratégias que viabilizem a autonomia das unidades familiares sobre sua alimentação, em um processo de produção e consumo, isento da intermediação do sistema mercadológico. Os autores afirmam que a produção para o autoconsumo de

agricultores que foram inseridos nos sistemas de modernização tecnológica da agricultura, não tem o mesmo comportamento quando comparados aqueles que não sofreram essa interferência. Supõe-se que a perda cultural consequente dessas transformações, tenha contribuído ainda mais para as mudanças de hábitos e costumes das populações.

Nesse contexto, observou-se que os produtores de mandioca podem ter uma realidade muito próxima da percepção dos autores, uma vez que as falas denotaram as mudanças vivenciadas por eles a partir da modernização das casas de farinha, principalmente relacionadas ao consumo de subprodutos da mandioca e a forma de fazê-los.

[...] Mas hoje eu parei, porque em tudo que mudou a casa de farinha, trocou, tá é motorizada, botou alguidar de ferro, aí fica difícil trabalhar com o beiju, fazer beiju, essas coisas [...] (M.L.C.S. Produtora rural, 58 anos)

O beiju é bom também, mas a gente não faz porque não tem a casa de farinha, mas se tivesse a casa de farinha [...]! (M.R.S.J. Produtora rural, 79 anos)

A influência do agronegócio e das grandes indústrias sobre o meio de produção da agricultura familiar promove uma redução ou estagnação de seu desenvolvimento, o que limita o potencial que esse setor tem na garantia da Segurança Alimentar, estimulando mudanças para novas formas de produção e novos recursos para assegurar seus espaços.

Esse processo culmina em um desprendimento gradativo de bases culturais que até então sustentavam a mandiocultura e estimulava a autovalorização do próprio mandiocultor. A agricultura precisa ser vista como atividade humana que envolve não só a geração de lucro e o aspecto econômico, pois, além de sua bagagem histórica, ela está intimamente associada às culturas locais, à religiosidade, aos costumes e aos hábitos alimentares. (SOGLIO e KUBO, 2016)

A existência de dualidade em relação às mudanças no contexto da mandiocultura foi algo que marcou nas falas dos mandiocultores. Ao mesmo tempo em que se enfatizava o aspecto sociocultural que tinha naquela época, foram também expressos sentimentos de alívio, satisfação ou conformismo em relação à modernização e

mudanças no contexto da mandiocultura. Algumas falas trazem que era um tempo onde se produzia muito, tinha uma contribuição positiva, era prazeroso, mas que também era difícil e sofrido. E nesse sentido trouxeram os aspectos positivos e negativos das mudanças ocorridas, principalmente no processo de produção. As falas a seguir expressam essa ideia.

Antes era aquela casa de farinha trabalhosa, porque era tudo feito a braço, a farinha feita a braço, aquele trabalho mesmo! A gente imprensava a massa era numas palhas. Pra tirar, pra puxar com aquele trabalho, muitas vezes cevava, mas antes a gente peneirava a massa numa peneirazinha. Era difícil. (M.L.C.S. Produtora rural, 58 anos)

Ao ser questionada sobre os produtos, especificamente, a farinha, que se tinha naquela época, a entrevistada diz o seguinte:

É, mexida no abraço é outra coisa que não é a motorizada. Motorizada nunca é igual porque tem que passar caroço e misturar, aí já não fica igual. E se caso a gente cessar e não passar o caroço para misturar, a farinha fica melhor (SABOR). A gente compra porque não tem jeito, né? Mudou tudo! É a modernização, e com tudo a gente não tem como fazer. Mas dizer que a farinha antes que a gente fazia a braço era outra coisa, era! (M.L.C.S. Produtora rural, 58 anos)

A fala de outros entrevistados traz de forma enfática a contribuição da modernização para o processo de produção.

[...] eu já mexi muito com o rodo, eu pedi tanto a Deus pra sair disso, dessa labuta do rodo, hoje não, é tudo motorizada [...] (V. S. F. Produtora rural, 51 anos).

Lembro-me das casas de farinha de rodício (manual) que eu já participei, moenda também, que era mais difícil. E hoje é só motor, aí facilitou de lá pra cá, da década de 80 pra hoje melhorou muita coisa. (R. S. T. Produtora rural, 53 anos).

Era assim mesmo, todo mundo se reunia e raspava aquela mandioca. Agora a gente só ganhava o dinheiro mexendo a farinha, pra mexer a farinha a gente ganhava o dinheiro, mas era aquele dinheiro pouco... muitos nem dinheiro ganhava, muitas vezes trocava, não tinha farinha quem não plantava, já mexia aquela farinha pra levar pra casa, pro consumo, era assim. (A. J. C. Produtora rural, 59 anos)

Essa dualidade também era expressa através do saudosismo referido nas falas em relação à representatividade da mandiocultura e a construção histórica das famílias daquelas comunidades,. Ao lembrarem a “mexição de farinha” ou o “mexer farinha a rodo”, que era a forma de produção que se tinha na época, percebia-se que o sentido cultural tinha uma força maior. O ato de reunirem-se em volta daquele trabalho significava compartilhamento, troca, cooperação, e isso era o que movimentava essa cultura e estimulava sua continuidade.

Era assim mesmo, todo mundo se reunia e raspava aquela mandioca. Agora a gente só ganhava o dinheiro mexendo a farinha, pra mexer a farinha a gente ganhava o dinheiro, mas era aquele dinheiro pouco... muitos nem dinheiro ganhava, muitas vezes trocava, não tinha farinha quem não plantava, já mexia aquela farinha pra levar pra casa, pro consumo, era assim. (A. J C. Produtora rural, 59 anos)

Nesse contexto, a mandiocultura encontra-se em constante mudança, seguindo um curso que se distancia da essência cultural. Os aspectos econômicos apresentam-se com maior ênfase, porém com a necessidade de organização estrutural, apoio e incentivo ao reconhecimento e fortalecimento enquanto cultura. Assim, pensar em promoção dessa cultura, é também pensar na preservação dessa identidade, respeito às crenças, aos costumes, e principalmente, a forma de fazer, que é a base de representação atribuída a ela pelos produtores rurais.

3.1.5.- A produção de mandioca como estratégia de sobrevivência

Outra dimensão que ganha destaque nas falas dos entrevistados é a importância que a mandiocultura representou na garantia de sobrevivência para as famílias das comunidades locais. Mesmo afirmando que já não tem grande relevância nesses aspectos atualmente, os entrevistados trouxeram fatos referentes ao cultivo da mandioca que marcou mudanças de vida, simbolizou esperança, possibilidade de sobrevivência diante das adversidades vividas.

O plantio de mandioca simbolizava muitas vezes a garantia de uma alimentação para a família ou a aquisição de bens e produtos essenciais para a educação dos filhos e manutenção das condições de moradia.

Pai mesmo diz que tudo que ele tem veio da mandioca, não de laranja nem de nada não. Ele é de Nazaré, chegou sem nada aqui, chegou com uma calça, uma sandália, um chapéu e uma camisa. Ele começou a plantar roça, mandioca a meia, foi o que deu o que ele tem hoje. O que ele tem hoje foi conseguido com o dinheiro da mandioca (R.S.N. Produtor rural, 39 anos.)

Mandioca pra mim por muito tempo foi muito boa: porque se eu tinha um fogão, foi por causa da mandioca, se eu comprei uma geladeira, foi por causa da mandioca, comprei sofá, foi por causa da mandioca. 26 cruzeiros na época, né? Já comprei muita coisa da mandioca. (R. S. T. Produtora rural, 53 anos)

Por representar em sua essência a sustentação de diversas famílias, com maior referência nas práticas alimentares indígenas, a mandiocultura muitas vezes sofre os efeitos da estigmatização, propagação desse alimento como “comida de índio”, em uma tentativa de desvalorização ou minimização, mesmo diante de toda relevância histórica que possui (LISBOA, 2015).

A mandioca é considerada patrimônio cultural imaterial. Além disso, a mandioca é tida como o produto mais popular da alimentação brasileira. Os registros apontam que a farinha, usada em mingaus, beijus, caldos e bolos, está presente na mesa de todas as camadas da população, presente tanto nos pratos mais simples quanto em outros mais finos e elaborados, ocupando lugar de destaque no sistema culinário nacional e regional, desempenhando em algumas regiões do país relevante papel na construção de identidades culturais (LISBOA, 2015).

3.2- Aspectos culturais do cultivo da mandioca

A garantia do modo de vida e cultura de povos e nações é dever do Estado, de forma que sejam respeitados e que se ofereçam subsídios suficientes para suas continuidades. As perdas culturais acabam por se tornar algo recorrente no cenário atual, fruto do *modus operandi* capitalista e do avanço da globalização. Levantar discussões acerca desse tema torna-se uma importante ferramenta de promoção e proteção cultural.

3.2.1- Saberes e práticas em torno da mandiocultura

Os saberes e práticas de um povo em torno de determinado objeto perpassa por processos de construção que envolvem o meio em que se vive, as experiências e as estratégias utilizadas para lidar com o mesmo (MEYER, et.al, 2010). Nesse contexto, os entrevistados descreveram as diversas formas de lida com a mandiocultura, as vivências e os aprendizados adquiridos no decorrer dos anos

O “saber-fazer” é algo intersubjetivo, logo, em alguns aspectos, uma mesma cultura apresentou-se de diferentes formas sob a ótica de cada indivíduo entrevistado. Embora muitas práticas se cruzavam em algum momento das falas, evidenciando a existência da rede de conhecimento que fora criada e mantida até então.

A maioria dos entrevistados referiu que o manejo da mandiocultura precisa ser embasado nas fases da lua, as quais podem interferir positiva ou negativamente na produção. Em uma das falas, a entrevistada afirma o seguinte:

Ah é, com certeza! Tem isto sim. É porque tem muitas vezes que a gente planta na mingunte, na quadra mingunte, de certeza, as mandiocas elas não cresce, ela carrega sim, mas fica todas pequenas, aquela tamborinha, não rende. E quando planta na nova ou na cheia, as mandiocas engrossam bastante, logo com dez meses se for preciso você já arranca a roça. Na nova ela carrega bastante, as raízes ficam enormes no comprimento, rende muito, muito mesmo. Tem essa técnica e é muito valiosa viu, valiosa demais.
(M.L.C.S. Produtora rural, 58 anos)

No entanto, algumas falas são divergentes, e acabam trazendo outras concepções acerca desse assunto.

[...] Porque a lua boa no sol quente e a terra seca você planta e não nasce não!
Pra mim a lua boa é quando chove, é sim! (R.S.N. Produtor rural, 39 anos.)

Outros produtores aderem a outras formas, as quais, em sua percepção irão oferecer melhor desempenho na produção, como o uso de adubos, a forma de preparar a terra, os períodos de chuva e o tempo entre plantio e colheita.

Já eu acho diferente, eu acho que se a terra for fraca ela dá aquelas raízes finas, aí precisa colocar um adubo, uma coisa assim pra que ela dê melhor.
(E. M.S. Produtora rural, 45 anos)

Mas tem vários tipos de mandioca, por exemplo, o aipim do sul mesmo ele dá com oito meses. Oito ou nove meses ele já dá. Mas a corrente só dá com um ano, n?. Se a gente plantar ela agora nesse mês (maio) só vai colher daqui a um ano novamente. A gente pode colher antes, com 11 meses ou 10, mas ela nunca vai tá bem amadurecida, é isso! Arranca também, e ela dá, mas não dá como em um ano completo [...](A. J. C. Produtora rural, 59 anos)

A diversidade de ideias, práticas e saberes é defendida por Meyer et.al. (2010), os quais afirmam que o saber é um sistema de representações simbólicas envolvido em um modo de vida e sua cultura, sendo fruto de uma comunidade humana e que deve ser percebido no plural, pois não existe apenas uma forma de saber, mas várias. Assim, se constrói ideias, práticas ou métodos que são expressos nas atividades de cada indivíduo, e influenciados por seu imaginário, cultura e ideologias, produzindo um novo modo de fazer, ou outro “saber-fazer”.

O reconhecimento desse “saber-fazer” é essencial para sua manutenção e continuidade de uma cultura. É uma forma de valorização e incentivo para todos que fazem parte, especialmente quando se trata de uma cultura que está se perdendo com o decorrer do tempo e os saberes que a caracteriza deixando de serem difundidos. A mandiocultura, como discutido anteriormente, está em declínio nas comunidades estudadas, sendo necessária a adoção de medidas que assegurem preservação, proteção, promoção e valorização e essas são obrigações do país, diante do que do que essa cultura representa (GUIMARÃES, 2016).

3.2.2- Dimensões geracionais do saber-fazer

Os saberes adquiridos pelos produtores de mandioca possuem uma base geracional, onde se representa as práticas dos antepassados e a essência cultural que foi mantida e transferida para as gerações seguintes, como um patrimônio que carrega a identidade daquelas famílias e da comunidade.

Assim, os entrevistados lembraram que em décadas anteriores levar os filhos para a roça de mandioca, ensiná-los as técnicas, os saberes acerca dessa cultura era algo crucial para as famílias, estando fortemente relacionados com o processo de educação das crianças daquela época. A maioria dos entrevistados relatou ter sido inserida nesse processo de forma muito precoce. Essa apresentação da cultura as crianças era uma forma importante de estimular sua adesão aos hábitos, conhecimentos, saberes e práticas

e, conseqüentemente, torná-los guardiões futuros desses saberes e dessa cultura e sustentadores da memória das comunidades.

Quando eu estava trabalhando com meu pai, eles (filhos) estavam também comigo, queria uma enxadinha miudinha pra trabalhar. O que meu pai fazia comigo, eu fazia com eles: Acunhava uma enxadinha pequininha, e dava a eles para ir trabalhar comigo. Do mesmo jeito! Aí, nisso foi (continuaram). (M.L.C.S. Produtora rural, 58 anos)

É, foi meu pai. Quando tinha de 8 pra 9 anos, o meu pai ia pra roça e ele levava a gente também pra plantar, pra raspar, pra arrancar.. (F.R.P. Produtora rural 53 anos)

“Me lembro como ter sido ontem”... A minha brincadeira era nas covas de mandioca, pegando as manaibinha e enfiando nas covas de mandioca... . (M.L.C.S. Produtora rural, 58 anos)

Embora esses relatos deem a entender que existe a prática da passagem de ofício de pai par filho, em outras falas, percebe-se que esse hábito acabou se perdendo em meio as mudanças no decorrer dos anos. Nota-se que a bagagem histórica, o saber fazer, a caracterização cultural perderam espaço, porém, vale ressaltar que apesar de possuírem conhecimento de toda importância da mandioca enquanto cultura, o efeito não é o mesmo, no sentido de ressignificação, reconhecimento e valorização.

Nunca trabalharam! Se depender delas trabalhar de roça... já foi!! Porque o pai delas sempre disse que queria as filhas dele pra estudar. (N.P.N. Produtora rural 54 anos)

Dos meus filhos, nenhum plantam mais, nenhum, todo mundo empregado. (A.S.S. Produtora rural, 79 anos)

Eu mesmo não, às vezes eu chamava pra ir, eles iam, mas era pouco, mas ia porque nós brigávamos pra ir, mas eles não gostavam não. Trabalhava mais por fora. (A.F.B. Produtor rural, 65 aos)

Diante de tudo que já vivenciaram, os produtores falam com convicção sobre o fim, a extinção da mandioca enquanto cultura. De acordo com suas próprias falas, as gerações seguintes não darão continuidade ao que foi passado até as gerações anteriores.

De uns tempos pra cá o Brasil se desenvolveu muito, o povo foi estudando, tendo conhecimento, daquela época pra cá surgiu muito conhecimento, as cidades cresceram, muita gente que morava na zona rural mudaram pra cidade, o estudo também se desenvolveu bastante (A. J. C. Produtora rural, 59 anos)

Hoje a coisa está mudando, tem mais outros lados, outras coisas (outros tipos de trabalho). Acho que não, pra mexer com roça assim, acho que vai acabar esse negócio (M. V. O. Produtora rural, 66 anos)

Assim, diante das mudanças, abandono e substituições, ainda resta dessa cultura sua importância social, sua contribuição para a construção socioeconômica de muitas famílias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura da mandioca se fez presente na história do Brasil, fazendo parte de momentos que marcaram a construção de memórias que caracterizam esse país. Podendo assim ser considerada marco de referência nas questões políticas, sociais, culturais e alimentares. Reconhecida como base alimentar dos indígenas e cultura de subsistência para as populações mais pobres, a mandioca também tem papel importante na segurança alimentar e nutricional, por fazer parte da agricultura familiar, seguimento associado à produção e a base da segurança e soberania alimentar. A mandiocultura atualmente não se restringe as populações de menor poder aquisitivo, mas também está inserida na alimentação da maioria dos brasileiros, participando da moldagem dos hábitos alimentares e estilo de vida.

O reconhecimento, valorização e resgate dos aspectos envolvidos na mandiocultura, principalmente ressaltando a importância do pequeno produtor, são ações que pode refletir em todos estratos da sociedade de forma a reforçar seus pilares, e ao mesmo tempo enfatizando a resistência de um povo, que mesmo não se percebendo enquanto cultura contribuiu para a construção do país.

Nesse contexto, a mandiocultura nas comunidades estudadas encontra-se em declínio, seguindo um curso distanciamento da essência cultural. Existe a necessidade de organização estrutural, apoio e incentivo ao reconhecimento e fortalecimento da

mandioca enquanto cultura, A relevância dos atores envolvidos nessa cultura precisa ser melhor colocada de forma a dar voz ao produtor para que assim consiga trazê-lo para o centro de toda ação voltada para esse tema. Assim, pensar em promoção dessa cultura, é também pensar na preservação dessa identidade, respeito às crenças, aos costumes, aos hábitos alimentares e principalmente, a forma de fazer, que é a base de representação atribuída a mandioca pelos produtores rurais

No entanto, ao observar a perda de uma cultura com tamanha importância, conclui-se que não se trata apenas da desconstituição de práticas de determinado grupo, mas de histórias de vida, representatividade e significados de comunidades assim como parte da história do país.

5. REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, R.M.; ARRUDA JUNIOR, S. **Cultura da mandioca: estudo de caso no agreste potiguar à luz dos relacionamentos inter atores**. HOLOS, v. 6, p. 52-72, 2013. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1276>>.

BRASIL. **Políticas Públicas para Agricultura Familiar**. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Outubro 2013.

CAMPOS, C. J.G. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Rev. bras. enferm. vol. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>>.

CARVALHO, F.M.s de et al. **Sistemas de produção de mandioca em treze municípios da Região Sudoeste da Bahia**. Bragantia [online]. 2009, vol.68, n.3, pp.699-702. ISSN 0006-8705. <http://dx.doi.org/10.1590/S0006-87052009000300017>.

CONAB. **Companhia Nacional de Abastecimento**. Mandioca: Raiz, Farinha e Fécula. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_02_16_17_38_32_17.pdf Janeiro de 2017.

COSTA, C. M.S.B. **Agronegócio e agricultura familiar: Modelos agrícolas de desenvolvimento que se contrapõem** 2015.

DUARTE ,S.P.S; COSTA, E.M ; MARIANO, F.Z ; SAEED KHAN, A; ARAÚJO, J.A. **Efeitos heterogêneos do Programa Agroamigo sobre os pequenos produtores rurais**. 2008.

GRISA, C. **A produção “ pro gasto”:** um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre, 2007.

GUIMARÃES, F.A.M. **A cultura da mandioca no Brasil e no mundo: Um caso de roubo da história dos povos indígenas.** Encontro estadual de História, Feira de Santana 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE , **Censo Agropecuário 2006 Agricultura familiar Primeiros.** ISSN 0103-6157 Censo agropec., Rio de Janeiro, p.1-267, 2006.

LEBOT, V ; MALAPA, R.; SARDOS, J. **Farmers’ selection of quality traits in cassava (Manihot esculenta Crantz) landraces from Vanuatu.** Genetic Resources and Crop Evolution, v. 62, n. 7, p. 1055-1068, 2015.

LISBOA, P, **Turismo cultural e patrimônio sob a perspectiva da gastronomia: o caso da mandioca.** Revista de Turismo Contemporâneo – RTC, Natal, v.3, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2015

MARIANO, D.C.; OKUMURA, R.S.; FREITAS, P. S. L.; BERTONHA, A. **Análise de desempenho da produtividade na aplicação da água residuária de indústria de mandioca em cultivo Brachiaria Brizantha.** VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar. CESUMAR – Centro Universitário de Maringá. Editora CESUMAR Maringá – Paraná - Brasil -Maringá, 2009.

Disponível em:
<http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2011/anais/daiane_de_cinque_mariano3.pdf>.

MEYER, G; MOTA D.M ; CORRÊA, R.O. **Construção de saberes com agricultores familiares no Nordeste Paraense** INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 12, n. 1 p. 19-29, jan./jun. 2011.

NIEDERLE,P.A.; FIALHO, M.A.V; CONTERATO, M.A. **A pesquisa sobre agricultura familiar no Brasil - aprendizagens, esquecimentos e novidades.** Rev. Econ. Sociol. Rural [online]. 2014, vol.52, suppl.1, pp.9-24. ISSN 0103-2003. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032014000600001>.

PEREIRA, E.L. ; NASCIMENTO, J.S. **Efeitos do Pronaf sobre a Produção Agrícola Familiar dos Municípios Tocantinenses.** RESR, Piracicaba-SP, Vol. 52, Nº 01, p. 139-156, Jan/Mar 2014 – Impressa em Maio de 2014.

PINHO, M.M.C.A. **Reaproveitamento de resíduo do processamento da mandioca (manipueira): Avaliação de impactos químicos e microbiológicos no solo e utilização como fertilizante.** (Dissertação) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife – PE 2007. Disponível em: <http://200.17.137.108/tde_arquivos/4/TDE-2008-08-29T120204Z-47/Publico/Marise%20Machado%20Caribe%20de%20araujo%20Pinho.pdf>.

REINHARDT, D.H. MANDIOCA- A RAIZ DO BRASIL “O pão do Brasil” Um símbolo da identidade cultural brasileira. Embrapa Mandioca e Fruticultura. Cruz das Almas, BA- 2013. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/capadr/audiencias-publicas/audiencias-publicas-2013/audiencia-publica-16-de-abril-de-2013-embrapa-mandioca>>.

SANTOS, F.S. **Permanências e Transformações Territoriais: A Mandioca e o Desenvolvimento Socioeconômico no Recôncavo Baiano.** VII Seminário internacional Dinâmica Territorial e desenvolvimento Socioambiental. Universidade de Salvador. Salvador, 2015.

Secretaria Executiva do Conselho do Agronegócio. Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Mandioca e Derivados. **Diretrizes para a elaboração do Plano Nacional da Mandioca.** 2º versão 2005

SHINOHARA, N. K. S.; VELOSO, R. R.; BORCKMANS, M. V. L.; ALEXANDRE, E. F.; PADILHA, M. R. F. **Macaxeira na cultura alimentar pernambucana.** Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos, v. 07, n. 2, p. 86-102 2014. Disponível em: <http://www.semar.edu.br/revista/downloads/edicao7/artigo6_MacaxeiranaCulturaAlimentarPernambucana.pdf>.

SILVA, A.C.B. ; ALVES, M.A.V. ; Aquino, D.T. **A importância da produção da mandioca e a sustentabilidade do espaço na comunidade do Castainho- Garanhuns-PE.** Anais, XVI encontro nacional dos Geógrafos. Porto alegre, 2010.

SILVA, Y.F. ; KOSINSKI, P.L.; LIMA F.B.C.; OLIVEIRA, L.S. **A Mandioca: do Cultivo do Alimento a Elaboração da Comida.** Anais do VII Seminário de Pesquisa em turismo do Mercosul, Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplVseminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt14/arquivos/14/01_15_00_Silva_Kosinski_Lima_Oliveira>.

SILVEIRA, J.S. **A Multidimensionalidade da valorização de produtores locais: Implicações para políticas, mercado, território e sustentabilidade na Amazônia.** Tese de doutorado, Centro de Desenvolvimento sustentável. Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

SOGLIO, F.D ; KUBO, R.R; **Efeitos do PRONAF sobre a produção agrícola familiar dos municípios tocantinenses.** Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

SOUZA, E.F.M. ; SILVA, M.G. ; SILVA, S.P. **A cadeia produtiva da mandiocultura no Vale do Jequitinhonha (MG). uma análise dos aspectos socioprodutivos, culturais e da geração de renda para a agricultura familiar .** Isegoria– Ação Coletiva em Revista Ano 1, vol. 1, n. 2, set. de 2011/fev. de 2012.

VELTHEMI , L.H. V. ; KATZII, E **A ‘farinha especial’: fabricação e percepção de um produto da agricultura familiar no vale do rio Juruá, Acre. .** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 7, n. 2, p. 435-456, maio-ago. 2012

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto.** Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>>. Acesso em: 15 nov.2016.

ZACARIAS, C.H. **Avaliação da exposição de trabalhadores de casas-de-farinha ao ácido cianídrico proveniente da mandioca, Manihot esculenta, Crantz, no Agreste Alagoano.** Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Ciências Farmacêuticas. São Paulo 2011.147p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/9/9141/tde-16042013-111938/pt-br.php>> Acesso em: 12 out 2014.

APÊNDICE I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE- CCS

O Cultivo da Mandioca: Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Nutricionais na Perspectiva de Produtores Rurais.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: ___/___/___ Questionário nº ___

Bloco 1: Dados de identificação.

Nome do participante: _____ Idade: _____

Número de membros da família: _____ Raça/cor: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Estado civil: _____

Endereço: _____

Cidade natal:

Bloco 2:

- 1- Como sua família trabalha com a mandioca: cultiva e consome, comercializa?
- 2- Em sua opinião, qual a influencia que a cultura da mandioca tem para o crescimento do país atualmente?
- 3- Qual a influencia que a cultura da mandioca exerce sobre sua renda pessoal?
- 4- - O senhor (a) já foi beneficiado com algum projeto ou programa do governo voltado para os mandiocultores? Se sim, quais?

Bloco 3:

- 5- Em relação ao consumo, é frequente a utilização da mandioca ou prefere outros alimentos? Quais?
- 6- Existe algum período em que tanto os produtos, como o aipim são mais consumidos pela população?
- 7- O senhor (a) conseguiria se imaginar sem consumir a mandioca e seus derivados? Se deixasse de consumir, acha que isso poderia afetar sua saúde?
- 8- Em relação à culinária, preparações a base de mandioca ou aipim, o que comumente preparado e que a família tem maior preferencia?
- 9- Existe alguma estratégia própria para elaboração desses alimentos?
- 10- Quais alimentos são indispensáveis na mesa dia a dia de sua família? Em seu ponto de vista, quais os benefícios ou malefícios que a mandioca e derivados podem trazer para a nossa saúde?

Bloco 4:

- 11- O senhor (a) tem alguma forma própria que auxilia no trabalho (plantação, colheita, produção) que contribui para bons resultados do cultivo?

12- „- Por que o senhor (a) começou a trabalhar com a mandioca?

13- Há quanto tempo trabalha no cultivo da mandioca?

14- Dentre os familiares que trabalham com mandioca (filhos, irmãos, sobrinhos), em sua opinião, eles darão continuidade a essa cultura?

15- Como aconteceu o processo de conhecimento e aprendizagem para eles?

16- Existe alguma vantagem trabalhar com mandioca em relação aos demais produtores que trabalham com outras lavouras?

17- Conhece alguém que abandonou a lavoura de mandioca para buscar outro meio de trabalho, ou alguém que abandonou outras lavouras ou outros meio de trabalho para lidar com mandioca?

18- Gostaríamos que o senhor (a) falasse sobre histórias de vida ou eventos marcantes que viveu durante esse tempo como cultivador de mandioca, algo que leve como experiência de vida?

19- Essa cultura em si reporta alguma memória afetiva, ou seja, existe algum momento que ela traz sensações, lembranças de outros momentos anteriores. Quais?